

500 ANOS Organizadores das manifestações temem conflito com Polícia Militar baiana em Coroa Vermelha

Índios pedem segurança no protesto

Marcos Peron/Folha Imagem

“Igreja ajuda genocídio”, diz secretário

da Sucursal de Brasília

O secretário do Conpib, Álvaro Tukano, causou constrangimento ontem ao afirmar, em plena sede da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), que a igreja “tem contribuído com o genocídio dos povos indígenas”. Tukano afirmou que não pretendia “ofender” nenhum bispo e reconheceu como “muito importante” o papel da igreja, mas exigiu mudanças.

“Até hoje a igreja continua trocando nossos nomes por nomes cristãos. A evangelização precisa respeitar nossas tradições e nossa autonomia”, afirmou o líder indígena, que é secretário do Conselho Nacional dos Povos Indígenas do Brasil.

Pouco antes, o secretário-geral da CNBB, d. Raymundo Damasceno, e o presidente do Cimi (Conselho Indigenista Missionário), d. Franco Masserdotti, haviam feito uma autocrítica sobre o papel da Igreja Católica na colonização.

“A igreja pede perdão a Deus pelos seus pecados”, disse d. Raymundo, em entrevista coletiva.

Também se referindo ao passado, o presidente do Cimi disse que não é possível esquecer a ligação “entre a cruz dos missionários e a espada dos colonizadores”.

Segundo d. Franco, houve “omissão e conivência” por parte da igreja.



HAMBÚGUER Dois índios de uma tribo xavante de Mato Grosso almoçam no McDonald's do shopping Iguatemi em Campinas. A visita dos índios causou curiosidade entre os frequentadores; os corpos pintados com urucum e carvão chamaram a atenção de quem passava nos corredores

Líder indígena vai convidar presidente

da Agência Folha, em Salvador

O líder indígena Carajá Pataxó, 38, pretende entregar hoje ao presidente Fernando Henrique Cardoso documento pedindo sua presença na inauguração de monumento em homenagem aos 500 anos do Brasil, em Santa Cruz Cabralia (BA).

Anteontem, o ministro Alberto Cardoso (Segurança Institucional) informou que FHC não iria à solenidade. O governo alegou dificuldades para fazer a segurança do presidente no local.

Assinado por 36 pataxós, o documento afirma que os índios aceitam a presença de policiais civis e militares na reserva “para a manutenção da ordem pública e segurança das autoridades” convidadas para a festa.

No texto, os índios dizem também que as autoridades presentes à cerimônia não serão alvo de protestos ou qualquer tipo de constrangimento.

Criado pelo artista baiano Mário Cravo, o monumento —uma cruz de aço inoxidável— será inaugurado no próximo dia 22, na praia Coroa Vermelha.

O Cimi (Conselho Indigenista Missionário) contestou a legitimidade do documento. “Houve uma manipulação muito grande”, disse o vice-presidente do órgão, Saulo Feitosa.

Segundo ele, os índios não informaram ao Cimi que tinham elaborado o pedido. “Participei de todas as reuniões e eles não falaram absolutamente nada sobre isso. Tudo indica que as assinaturas não foram colhidas nos dias

das assembleias”, afirmou.

Ontem de manhã, o governo baiano prometeu doar à comunidade pataxó uma van e uma ambulância. Em nota oficial, a entidade acusou o governo de “cooptar” as lideranças indígenas.

O governador César Borges (PFL) disse que o Estado não pode ser acusado de cooptador por estar tentando melhorar a vida dos índios. “Eles me acusam disso e eu os acuso de usar os pataxós para tentar fazer proselitismo político barato”, afirmou.

Feitosa disse que os índios não desistiram de fazer uma grande manifestação no dia 22. Cerca de 7.000 policiais civis e militares já foram deslocados para Porto Seguro. Outros 5.000 deverão chegar à cidade. (LUIZ FRANCISCO e MARCOS VITA)

da Sucursal de Brasília
da Agência Folha

Líderes da marcha indígena que chega hoje a Brasília vão pedir ao presidente Fernando Henrique Cardoso a presença da Polícia Federal em Santa Cruz Cabralia (BA), para garantir a segurança nos protestos de 22 de abril.

Os organizadores temem conflitos com a Polícia Militar da Bahia, que ocupou o sítio histórico de Coroa Vermelha (local da primeira missa no Brasil) e, no dia 4, destruiu um monumento construído pelos índios pataxós.

“É preciso garantir a segurança dos manifestantes”, disse Álvaro Tukano, secretário do Conpib (Conselho Nacional dos Povos Indígenas do Brasil).

O presidente do Cimi (Conselho Indigenista Missionário), d. Franco Masserdotti, também se mostrou preocupado. “Meu temor é que criem um ambiente (de confronto) e depois coloquem a culpa nos índios.”

D. Franco Masserdotti considerou “simplória” a explicação de que FHC cancelou a ida a Coroa Vermelha no dia 22 por problemas de segurança. “Essa (explicação) é para inglês ver. Ou melhor, para não ver”, afirmou.

A manifestação do dia 22 vai contestar o “triumfalismo” das comemorações dos 500 anos do Brasil. Além de índios, são esperados integrantes da CUT (Central Única dos Trabalhadores) e do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

A marcha indígena deve reunir hoje cerca de mil índios de todo o país. Os manifestantes vão exigir a demarcação de terras indígenas, a aprovação do Estatuto do Índio pelo Congresso e a ratificação, pelo Brasil, da convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho), que trata de direi-

tos de povos indígenas.

O Estatuto do Índio consolida a legislação sobre os povos indígenas no país. O projeto foi apresentado em 1991 pelo deputado Aloizio Mercadante (PT-SP) e está parado desde então.

Anteontem, líderes partidários decidiram “desengavetar” o projeto, tentando demonstrar apoio à causa indígena. A ideia era votar a proposta ainda hoje, mas a votação foi adiada para discussões.

“Existe a pretensão política de dizer que (os deputados) estão fazendo alguma coisa, mas ninguém nos consultou. É até um desrespeito querer votar com urgência, sem nos ouvir, depois de tanto tempo”, disse Orlando Baré, um dos líderes da marcha.

Os manifestantes farão uma passeata pela Esplanada dos Ministérios, até o Congresso, onde serão recebidos por parlamentares. O encontro dos líderes com FHC está previsto para as 17h.

Caravana do Sul

Os 40 índios do Rio Grande do Sul que integram a “Marcha Indígena 2000” seguem para a Bahia às 17h de hoje, partindo de Iraí (444 km de Porto Alegre).

Originalmente, o grupo, formado em sua maioria por índios da etnia caingangue, sairia anteontem e passaria por Brasília, onde participaria de protestos. A falta de dinheiro, contudo, provocou a alteração da programação.

De Iraí, os índios vão para Chapécó, onde, à noite, participam de ato público e se juntam a 80 índios de Santa Catarina. Do ato participam as pastorais católicas, o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e representantes dos movimentos estudantis.

Além do grupo que parte de Iraí, poderá haver um de índios guarani, saindo de Porto Alegre. A Caravana do Sul deve chegar à Bahia no dia 16 ou 17. No caminho, eles devem passar por Angra dos Reis (RJ) e Itanhaém (SP).